

Algumas notas sobre o material didático impresso usado na Educação a Distância

Some notes on printed educational material used in distance education

Sandra Quarezemin*

Universidade Federal de Santa Catarina

Julia Orié Yamamoto**

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: Este artigo discute a importância do livro didático utilizado na Educação a Distância (doravante EaD) como um instrumento de diálogo entre o professor e o aluno. Para atingir o propósito deste estudo foi feita uma reflexão sobre os cuidados envolvidos na elaboração deste material didático impresso (MDI). Tal reflexão toma como base concepções teóricas e estudos já realizados, como Comel (2001), que faz distinções entre o conceito clássico e o novo entendimento do material impresso; Eftting (2010), que trata da relevância do MDI do curso de Letras Português da UFSC; Laaser (1997), que oferece um manual de criação e elaboração de materiais para EaD; Aretio (1996), que trata da EaD existente há 40 anos na Universidad Nacional de Educación a Distancia de Madri. A fim de ilustrar melhor esta reflexão foi feito um estudo de caso para verificar se a realidade de um dos principais veículos de comunicação que é o MDI atende às necessidades e importâncias a ele atribuídas – na percepção dos professores e tutores da disciplina Sintaxe do Português do curso Letras-Português EaD da UFSC. Os resultados obtidos apontam para a importância da autonomia na modalidade a distância e para a relevância de se pensar em um livro-texto de qualidade.

Palavras-chave: Educação a Distância, material didático impresso, linguagem escrita.

Abstract: This article discuss the importance of the textbook utilized in Distance Education (henceforth DE) as an instrument of dialogue between professor and student. To achieve the purpose of this study, it was made a reflexion about the care involved in preparing this printed educational materials (PEMs). Such reflexion has as its bases theoretical concepts and studies already made, as Comel (2002) that makes distinctions between the classical concept and the new understanding of printed material; Eftting (2010) wich addresses the relevance of the PEM's Bachelor's Portuguese Course at UFSC; Laaser (1997) that offers an manual for creation and preparation of materials for distance education; Aretio (1996) that deals with the existing distance education for 40 years at the Universidad Nacional de Educación a Distancia in Madrid. In order to better illustrate this reflection, it was made a case study to verify the reality of one of the main vehicles of communication that is the PEM meets the needs and importance attributed to it – in the perception of professors and tutors at the discipline Syntax Portuguese

* Professora do Departamento de Língua e Literatura Vernáculas da Universidade Federal de Santa Catarina e coordenadora do Curso Letras-Português EaD desta universidade. E-mail: <sandra@cce.ufsc.br>

** Mestranda em Linguística no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: <juliaorie@gmail.com>

Bachelor's Portuguese Course DEat UFSC. The results point to the importance of autonomy in the distance modality and the importance of thinking in a textbook quality.

Keywords: distance education; printed educational materials; written language.

Introdução

O presente artigo¹ aborda alguns pontos sobre a importância do material didático impresso (MDI) – o livro didático utilizado no curso superior da Educação a Distância – como um dos principais instrumentos de diálogo entre o professor e o aluno para que se favoreça a aprendizagem autônoma na EaD. Este propósito abarca considerações sobre alguns cuidados essenciais no processo de ensino e aprendizagem nesta modalidade. Dentre elas está a necessidade de observar as funções do docente, o perfil dos alunos e a realidade na qual esses alunos estão inseridos – propriedades essas que muitas vezes são diferentes do que encontramos no ensino regular presencial.

O MDI é o principal material (e o único “palpável”) com o qual o aluno conta desde o primeiro “encontro” com a disciplina na EaD. Por isso, o MDI precisa ser um instrumento de comunicação não somente no que se refere ao conteúdo formal, mas também no tangente às orientações de exercícios, de pesquisas, de reflexões e de novas buscas. Assim, ele precisa substituir, em grande parte, as comunicações que, em um curso regular presencial, são feitas graças à presença do professor em sala de aula, conforme as circunstâncias e as reações dos alunos.

Neste artigo discutiremos os cuidados e o processo da elaboração do MDI, abordando a relevância e as potencialidades desse material, a função do docente e o perfil do leitor (aluno) nessa modalidade, tais temas serão apresentados na seção 2. Vale ressaltar que não pretendemos apresentar propostas de estrutura das unidades didáticas. Para ilustrar a discussão, realizamos um estudo de caso que apresenta e discute a avaliação por parte do docente acerca do MDI como ferramenta de interação e de aprendizagem autônoma. Esse estudo será apresentado na seção 3.

A metodologia que guiou o estudo de caso é qualitativa e está fundamentada em um questionário aplicado a dois professores que atuam tanto na modalidade a distância quanto modalidade presencial, no curso Letras-Português da UFSC. Um dos professores que participou dessa avaliação é autor do MDI da sua disciplina. Também responderam ao questionário dois tutores, tendo suas opiniões sido avaliadas nos resultados.

A relevância desse estudo está centrada na reflexão sobre a realidade atual de um dos principais veículos de comunicação que é o MDI, observando se o mesmo atende às necessidades e importâncias a ele atribuídas

¹ Agradecemos ao nosso colega Josias Hack pela leitura da primeira versão deste texto. Muitos dos apontamentos dele estão incorporados aqui. Deixamos claro, porém, que o texto na íntegra é de nossa inteira responsabilidade.

na EaD e verificando quais os desafios que permanecem para a aprendizagem autônoma dos alunos nessa modalidade.

A Educação a Distância e o Material Didático Impresso destinado a ela

A Educação a Distância é uma estratégia de formação humana, que possibilita aos alunos aprender a pensar e a construir conhecimento, não se resume à instrução de uma informação técnica. Nesta prática educativa, pressupõe-se um cuidadoso processo comunicativo para que seja possível a troca de conhecimentos por meio de recursos tecnológicos.

Partindo desse pressuposto, entende-se que o material impresso destinado à EaD não é um material didático comum com o qual os alunos e professores de ensino regular presencial estão habituados. Trata-se de um material próprio para a aprendizagem autônoma, elaborado e editado especialmente para o uso em cursos a distância, com preocupações que ultrapassam o conteúdo formal da disciplina e com os cuidados essenciais intrínsecos a essa modalidade. O material impresso de qualidade contribui para que o aluno aprenda a refletir sobre o objeto de estudo em foco; aprenda a elaborar suas próprias hipóteses acerca do tema estudado; aprenda a se posicionar enquanto indivíduo pensante.

Diante de tais considerações, refletimos aqui a função do docente e o perfil do leitor (o aluno) do material didático impresso (MDI) que vigora nessa modalidade de ensino, além da relevância e das potencialidades do mesmo e os cuidados necessários durante o seu planejamento e a sua execução.

A função do docente e o perfil aluno como leitor do MDI

O docente que está inserido no campo da educação e, portanto, da construção de conhecimentos através da comunicação, deve ter em mente que os sujeitos, isto é, o aluno e o professor, são instituídos e constituídos. O processo de constituição do sujeito ao longo da vida não deve ser ignorado.

Geraldi (2010) chama a atenção para o fenômeno natural e social da *língua*: os sujeitos se valem desse mega instrumento de construção cultural que permite relações com o outro. Isso porque, segundo o autor, a linguagem serve para comunicação e elaboração, é com ela que todo sujeito organiza um sentido, institui um tempo, identifica o indivíduo e calcula horizontes e possibilidades. Nesse sentido, Faraco (2001) explora a ideia de que as elaborações de identidade e de representações de mundo são possíveis somente se mediadas pela comunicação, numa relação de intersubjetividade: com diálogo, encontro e responsabilidade entre os sujeitos.

Em qualquer fazer educativo, portanto, é também função do docente tomar o devido cuidado na elaboração do modo e do conteúdo dessa

comunicação conforme o contexto. Halté (2008) vai ao encontro da prática daquilo que é conhecido como *transposição didática*: aquilo que está em textos científicos, por exemplo, não deve ser “transposto” mecanicamente da forma como é, em qualquer ambiente de ensino e aprendizagem. Essa transposição é passível de fracasso, uma vez que há condições diferentes entre as turmas e entre os sujeitos, além do fato de haver diferenças entre os programas dos cursos. Isso significa que, a rigor, um mesmo texto do saber pode não servir duas vezes. Por isso, torna-se relevante e necessária a elaboração de um MDI destinado à EaD.

Na modalidade a distância a concepção de *autonomia* ainda precisa ser melhor tratada. Segundo Hack (2011, p. 91),

[...] os estudantes são autônomos quando conseguem reconhecer suas necessidades de estudo, formulam objetivos de aprendizagem, selecionam conteúdos, planejam estratégias de estudo, selecionam materiais didáticos, identificam fontes adicionais de pesquisa e fazem uso delas, bem como quando eles ordenam, conduzem e avaliam o processo da aprendizagem. A autonomia é uma característica muito importante àquela pessoa que pretende gerenciar seu próprio estudo, mas ao mesmo tempo deseja trabalhar de forma cooperativa na construção do conhecimento a distância.

Se o aluno é o leitor do material didático, então, o MDI na EaD, além de ser o pilar de informação formal de uma dada disciplina, assume também a função do professor, pois orienta e proporciona ao aluno, pela mediação da linguagem escrita, maior autonomia. Quem o elabora, portanto, deve ser o professor e este deve ter familiaridade com o perfil do leitor moderno.

Em relação ao perfil do leitor há, no mínimo, duas questões a serem consideradas. A primeira delas é uma distinção clara entre o leitor clássico dos livros impressos e o novo leitor que já nasce inserido no mundo da tecnologia. Segundo Vendrusculo Possari (1999 *apud* Comel, 2001, p. 175), este “é o leitor das linguagens efêmeras, híbridas, misturadas. O atual leitor é fragmentário, de tiras de jornais, de fatias de realidade, de signos.”

Se por um lado, o atual leitor é beneficiado pela praticidade de acesso a muitas informações atualizadas através da *Internet* e os *hiperlinks* nela existentes, por outro, ele é passível de informações midiaticizadas, isto é, das imagens. As imagens são, por definição, de alguma forma transformadas: se não pela força natural de ser uma imagem, pela manipulação mais consciente de quem publica a informação. A própria leitura ingênua fragmentária do leitor é uma manipulação, consciente ou não.

No atual momento da primeira década do século XXI, pode-se afirmar que é possível manipular qualquer imagem, o que pode ocasionar a falta de distinção entre real e virtual. De acordo com Joly (1994, p.30), “podemos dizer, agora, que abordar ou estudar certos fenômenos sob o seu aspecto semiótico é considerar o seu modo de produção de sentido,

por outras palavras, a maneira como eles suscitam significados, ou seja, interpretações.”

A segunda questão se refere à realidade do cenário da educação em nosso país, que é diversificado e pobre. Importante destacar que, na EaD, estão inseridos, em grande número, alunos que não estão preparados para a aprendizagem autônoma. Isso quer dizer que não há como escapar de leitores que compõem turmas heterogêneas. Sobre esse viés, Effting (2010) lamenta o fato da improbabilidade de alcance de uma totalidade diante de realidades tão diferentes como as que são encontradas no Brasil. Uma universidade do sul, por exemplo, oferta cursos para regiões com costumes, cultura, situação social/econômica diferentes. Essa situação gera a falta de reconhecimento de perfis e favorece algumas generalidades.

A proposta é que a EaD alcance a todos, independentemente da região – norte, sul, nordeste, sudeste, centro-oeste, mas é importante que essa modalidade de ensino-aprendizagem não seja recebida de forma ingênua. Comel (2001, p.180) afirma que “não se pode aceitar que ela seja, ainda uma vez, mais um fator de exclusão; pior ainda, uma forma de ideologização ou mero engodo para justificar propósitos políticos.”

Relevância e Potencialidades do MDI

A elaboração do MDI não é um processo simples, tanto que há no cenário educacional uma grande quantidade de material já produzido, porém ainda se mostra insatisfatório frente às necessidades reais dos alunos. É comum encontrarmos material que desencadeia uma série de contradições nos alunos, verificadas por meio das suas análises e interpretações equivocadas. Diante dessa situação, é relevante (e necessário) reconhecer um MDI elaborado com qualidade.

Para Comel (2001) e Effting (2010), entre outros autores, o MDI de qualidade destinado à EaD reúne na forma escrita não somente os textos de que o curso regular presencial faz uso de forma simples e direta, mas também as orientações e a “presença” que o professor teria em sala de aula para suprir dificuldades e acrescentar informações, conforme a situação.

Está claro que a fala do professor deve vir representada pela linguagem verbal escrita e deve aproximar o aluno da disciplina. Aquilo que está contido no MDI precisa sempre ultrapassar o nível do enunciado e constituir um diálogo com o aluno. Diálogo esse que vem representado pelas passagens em que o professor-autor orienta as atividades, recomenda uma leitura complementar, indica um vídeo, entre outras marcas de aproximação. O MDI que não causar impacto e despertar a curiosidade dos alunos não cumpriu totalmente o seu objetivo. Segundo Effting (2010), a linguagem escrita em EaD não deve ser um processo de homogeneização, mas uma forma de o aluno sentir a presença do professor.

Se é através de palavras e sequências de diálogos que todas as relações se constituem, nem sempre o sujeito que as recebe na forma escrita extrairá dela a mesma frequência enunciativa. Nesse sentido, vale retomar a passagem do texto de Bakhtin (1995) que faz alusão à discussão sobre *palavras*.

As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É, portanto, claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. A palavra constitui o meio pelo qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças. (BAKHTIN, 1995, p. 36).

Uma das grandes dificuldades da modalidade a distância é fazer com que os professores desenvolvam tarefas dialogais e que, ao enunciarem suas aulas, não percam as comunicações e nem destituam as palavras de sentido, prejudicando, assim, o estabelecimento do diálogo entre os sujeitos envolvidos no processo.

De acordo com Effting (2010), há um consentimento positivo no que se refere à importância do MDI como instrumento para as conexões do fazer educativo e de orientação na EaD. A autora verificou em sua pesquisa² que, dos 238 entrevistados, 205 disseram que o MDI cumpre o seu papel e tem qualidade, quanto à apresentação dos conteúdos e às dinâmicas comunicacionais e de mediação. Para a autora, apesar da pouca interatividade do material impresso, “ele consegue, devido aos grandes esforços conjuntos, preencher, em certa medida, as lacunas da possibilidade de respostas imediatas às dúvidas surgidas e não sanadas sem os aportes de uma explicação adicional” (ibid, p.10).

Nota-se, assim, que a EaD alcança uma significativa potencialidade conforme a qualidade da concepção pedagógica no planejamento do seu MDI, de modo que não haja transposição metodológica da “pedagogia milenar” para a modalidade a distância. Sales (2005) propõe que todo material didático, sendo ele digital ou não, seja inspirado no hipertexto, com conteúdos que elucidem clareza e estrutura, que atendam à inter e intratextualidade, multivocalidade e multidirecionalidade, além de utilizar elementos de transição entre unidades e textos, e que tenham resumos ao final de cada unidade temática, etc.

Para Sales, o ensino e a aprendizagem estão em processo de transição evolutivo e, nesse cenário, a autonomia e a flexibilidade aparecem como resultado de uma mídia apoiada em um referencial didático que potencializa os processos constitutivos da EAD. Segundo a autora, a estratégia de hipertexto deve estar relacionada à “proposição de uma construção ativa

² A autora entrevistou os alunos do curso de Letras-Português, oferecido pela UFSC dentro do Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB). A análise dos resultados está centrada na metodologia qualitativa.

do conhecimento, na qual a autonomia, autoria e a colaboração sejam referenciais básicos para o desenvolvimento do curso/programa.” (ibid, p.6)

Porém, como defende Comel (2001), ainda que as tecnologias sejam cada vez mais empregadas, a qualidade do material impresso vai se tornando cada vez mais importante. O MDI pode estar ainda na preferência de muitas pessoas em comparação com qualquer outra tecnologia, uma vez que ele estimula o uso da principal via de comunicação humana – a linguagem (oral e escrita) – e porque ele é fisicamente palpável, podendo ser manuseado em qualquer momento e em qualquer lugar.

Esse fato se confirma no curso Letras-Português EaD da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Os alunos esperam ansiosos a chegada aos polos do livro-texto. Quando interrogados sobre a possibilidade de não haver mais o livro impresso, apenas a versão eletrônica do mesmo, a grande maioria dos alunos afirma preferir o livro impresso, uma vez que pode lê-lo em qualquer lugar, sem depender de meio digital.

Criação e elaboração do MDI

O MDI, destinado à EaD, deve estar centrado na obtenção dos conhecimentos, competências e habilidades que cada disciplina apresenta. Esse material é produzido por uma equipe multidisciplinar que é formada por professores, técnicos e especialistas nos diversos campos do conhecimento e da didática educativa. Devido a sua particularidade, a elaboração e a criação do MDI devem ter cuidados ainda mais especiais do que os materiais destinados ao curso regular presencial, pois o livro-texto deve relacionar a qualidade do conteúdo com uma forma simplificada do seu uso em determinada unidade do programa.

É possível notar que a EaD atual, centrada na educação via *Internet*, tem bases conceituais nas experiências anteriores a ela de ensino a distância, cuja aceitação passou a ser universal. De acordo com Laaser (1997), cabe ao elaborador do material didático tratar de questões pertinentes para que ele seja lido e entendido pelo aluno da educação a distância, tomando como base modelos de educação a distância que ainda não faziam uso da *Internet* (tais como os Estudos por Correspondência, Estudo Domiciliar e Radioteledifusão Escolar).

Laaser apresenta diferentes tipos de redação voltadas à EaD – a que é expositiva com finalidade social, a que tem finalidade criativa e a que é didática e comunicativa, além de se referir a muitas outras questões básicas, como a estruturação do conteúdo, integridade do conceito, linguagem adequada aos alunos. O interessante é que tudo isso toma como pilar o propósito de promover a aprendizagem ativa, por meio de um material que, tal como Aretio (1996, p.167) argumenta,

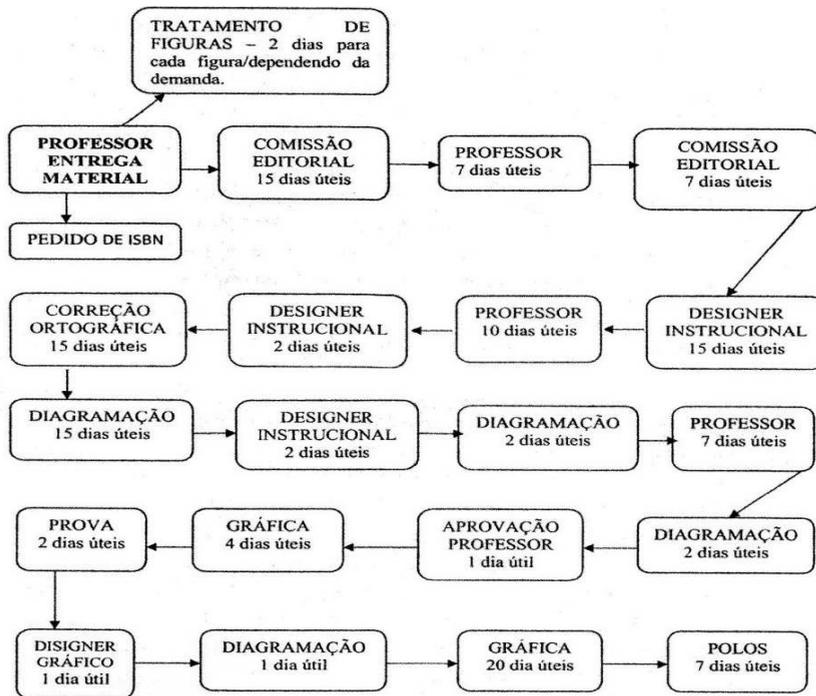
[...] deben motivar, onformar, aclarar y adaptar las enseñanzas a los niveles de cada uno, dialogar, enlazar las experiencias del sujeito con las enseñanzas, programar el trabajo individual o en equipo, aplicando los conocimientos a las situaciones medioambientales, a la vez que establecer un verdadero trabajo interdisciplinar.

Além desses cuidados, Effting (2010, p. 3) ainda aponta que “a EaD é edificada em bases sistemáticas e compartilhadas para que todo o trabalho e, por extensão a aprendizagem, cheguem ao seu destino final, à formação de alunos que atuarão profissionalmente com outros alunos, na progressiva cadeia educacional.” Dessa forma, o professor não tem mais o total poder individualizado em deter e repassar sozinho os conhecimentos centrados nele, pela disciplina que responde. Ao elaborar o MDI, o conteúdo passa por avaliações de outros profissionais que compõem a equipe multidisciplinar até o processo final da edição. O diferencial desse processo de elaboração é que a autonomia do professor acaba sendo submetida às “subdivisões e transferências nas partilhas do fazer pedagógico” (EFFTING, 2010. p.3).

O modelo colocado em prática pelo LANTEC³/UFSC (cf. figura abaixo) ilustra bem a dimensão dos caminhos até a finalização da produção do MDI, desde a entrega do texto elaborado pelo professor até a chegada do mesmo aos polos. É possível observar que ocorre neste processo um trabalho de equipe, sempre em conjunto com os suportes tecnológicos.

³ O Laboratório de Novas Tecnologias do Centro de Educação da UFSC tem como objetivo inserir e estimular a pesquisa sobre o uso das tecnologias na educação.

Figura 1 – Organograma de produção do MDI utilizado pelo LANTEC/UFSC



Fonte: Retirado de Effting (2010)

Observando a figura acima, é possível ter uma noção real da complexidade que está envolvida na elaboração do MDI. O ponto de partida é o professor que, com o seu conhecimento, desenvolve o material, mas precisa do olhar de outros especialistas para maior satisfação do produto final. Também fica nítida a questão da interdisciplinaridade que se estabelece durante a produção do material. Todos esses passos visam a conferir ao MDI maior proximidade com o aluno a distância; a romper a barreira da falta da presença do professor na discussão do conteúdo em estudo, garantindo o diálogo constante durante o processo de ensino-aprendizagem.

Estudo de caso

O estudo de caso teve como finalidade avaliar, na prática, se o MDI tem atingido o diálogo e a aprendizagem satisfatória na modalidade de ensino a distância. Para realizar o presente estudo, selecionamos como parâmetro de avaliação O MDI utilizado na disciplina Sintaxe do Português oferecida no curso Letras-Português a distância da UFSC. A metodologia que orientou a pesquisa é qualitativa e está centrada na aplicação de um questionário. Participaram do experimento dois professores, que atuam tanto na modalidade presencial quanto na modalidade a distância, em uma mesma disciplina que é ofertada pelo curso de Letras-Português da UFSC; e dois tutores que atuaram na disciplina de Sintaxe, totalizando quatro participantes. Cabe ressaltar que um dos professores que respondeu o questionário é o autor do MDI da sua disciplina no curso EaD.

Resultados da avaliação

Quando perguntados se o MDI promove a aprendizagem autônoma do aluno, três participantes responderam que sim – que consideram o MDI com qualidade suficiente para que qualquer aluno compreenda as complexidades do conteúdo, mesmo sem o diálogo com o professor que há nas aulas presenciais regulares. Um desses participantes ainda acrescentou a informação de que alguns alunos lhe diziam que só depois de assistir à vídeo-aula é que o livro se tornava mais claro. Apenas um deles respondeu negativamente – que aprender na modalidade a distância o mesmo conteúdo que é ministrado no curso presencial regular, ainda que se faça uso do MDI, é muito complicado. Essa resposta está atrelada a uma disciplina específica, não ao MDI em si. O participante apontou que nessa disciplina os alunos esperam por uma aula expositiva, já que se trata de um conteúdo complexo que exige prática e aprendizagem cumulativas; conteúdo que os mesmos não estão acostumados a estudar. Destacamos aqui que a disciplina de Sintaxe oferecida no curso Letras-Português EaD da UFSC adota o modelo formalista de análise das sentenças; é a sintaxe gerativa que é trabalhada, não a sintaxe tradicional. Isso talvez explique o porquê

de o participante ter respondido negativamente à questão e ter defendido a importância da aula expositiva.

Com relação ao MDI como instrumento de diálogo entre o professor e o aluno, foi considerado, na entrevista, a necessidade de substituir a comunicação oral em orientar exercícios, de despertar curiosidade, de lembrar alguns detalhes já mencionados, ou seja, de instigar um estudo autônomo, além de tratar do conteúdo formal da disciplina. Todos os entrevistados afirmaram que o MDI da disciplina atende às necessidades e à importância a ele atribuídas; também ressaltaram que o referido material conta com a comunicação com o tutor, com as videoaulas, com os fóruns, entre outros.

Quando questionados acerca dos desafios que enfrentam no uso do MDI na EaD, considerando a realidade diversificada do nosso país, as respostas foram variadas, mas apontam para uma mesma direção: o fato de os alunos não terem a autonomia suficiente para gerir o seu tempo de estudo. Um dos participantes afirmou que “o desafio maior que encontro no curso EaD é fazer com que o aluno tenha autonomia suficiente para organizar seu tempo de estudo”; ainda acrescentou que “o uso do MDI não é desafiador, uma vez que esse material é muito bem elaborado, é um trabalho que se inicia meses antes de a disciplina começar”.

Nessa mesma linha, um participante apontou como o principal elemento desafiador

fazer com que os alunos compreendam que o conteúdo não é mais *fácil* ou mais simples porque estamos em uma modalidade a distância, pelo contrário, temos que fazer com que os alunos reconheçam a complexidade do conteúdo e compreendam que só com muita responsabilidade, organização e autonomia é que conseguirão acompanhar as disciplinas.

Essa afirmação faz todo sentido se pensarmos, como já afirmou Hack (2011), que o aluno que faz uma EaD em nosso país é, em geral, um aluno que não está acostumado a estudar; ele não está preparado para a aprendizagem autônoma na EaD. Para uma EaD com alunos ainda sem autonomia, preparar aulas e materiais que atinjam o mesmo nível de aprendizagem de um curso presencial já é mais do que um desafio.

Um único participante foi direto em responder que, “em relação ao MDI, acredito que o pior é fazer com que os professores empreguem uma linguagem clara nos livros, sejam didáticos a ponto de o aluno ler o conteúdo visualizando uma aula expositiva, não façam do livro uma compilação dos resultados da sua pesquisa.” Nessa passagem, verificamos que o participante aborda um ponto que é motivo de discussão dentro da elaboração multidisciplinar do MDI: o fato de muitos professores transporem para o livro-texto boa parte da sua pesquisa, sendo que não é isso o que se espera do autor do MDI. Fato que é tratado por Halté (2008) como a *transposição didática*, sendo a mesma um processo errôneo, segundo o autor.

Outro participante destacou que “além de o Brasil ser diversificado e pobre, estamos em um país que não tem a cultura de ser autodidata. Como exemplo disso, a grande maioria das profissões requer nesse país um diploma de curso superior e, sem ela, um autodidata não tem chances de prestar exames para comprovar sua proficiência, como há em países com essa cultura.”

No geral, o resultado do experimento indica que o desafio que se coloca ao uso do MDI é a questão da autonomia do aluno, que ainda não sabe administrar sozinho o seu tempo de estudo, e a forma como o professor-autor aborda o conteúdo no livro.

Discussão dos resultados

A avaliação dos professores e tutores entrevistados nos permite afirmar que o MDI de Sintaxe do Português, usado na EaD, atende às necessidades e às importâncias a ele atribuídas; apresenta a relevância e potencialidade que um MDI deve ter; e dialoga, dentro do possível, com os alunos, de modo a contribuir com a aprendizagem dos mesmos. Isso é o que se espera de um MDI destinado à EaD, ou seja, dar condições suficientes para que o ensino e a aprendizagem sigam em frente dentro do processo de transição evolutiva.

Contudo, como observamos nas respostas apresentadas com relação aos desafios, existe a ressalva de que a heterogeneidade no perfil dos alunos, especialmente no que diz respeito à sua autonomia prévia, faz com que a videoaula e a tutoria continuem como aliados imprescindíveis para que a aprendizagem seja satisfatória.

Se “o encontro com o professor em videoaulas, por exemplo, é bastante esperado pelos alunos”, como afirmou um dos entrevistados, não significa necessariamente que o MDI apresente falhas, uma vez que sua qualidade está sendo bastante elogiada pelos alunos e professores que o utilizam. Mas, provavelmente, porque se trata de uma disciplina com raciocínios complexos, que exigem compreensão cumulativa através de exercícios praticados e orientados sequencialmente. Quem já foi aluno dessa disciplina, seja num curso presencial, seja na modalidade a distância, sabe que o aluno não consegue seguir em frente na aprendizagem, enquanto dúvidas e enganos não são sanados, por menores que eles sejam – o que aparece com bastante frequência em uma única unidade didática.

Aretio (1998) considera que tal autonomia é algo que demanda dos estudantes previamente. O autor destina uma seção à *Demanda en Los Estudiantes*, e nesse ponto Aretio afirma que o sucesso do aluno na EaD está vinculado ao nível de alfabetismo que o mesmo apresenta antes de entrar no curso, que deve ser elevado; que tenha uma motivação e experiência prévia em uma aprendizagem independente; e que privilegie uma estratégia linear de aprendizagem.

Nesse sentido, o despreparo do aluno com relação a um estudo autônomo, devido à sua cultura (como se referiu um dos entrevistados), talvez seja mesmo o desafio dos professores – tanto para o tutor na EaD quanto para o professor-autor de um MDI e demais materiais destinados à EaD. Tal elaboração deve, pois, provir de funções pedagógicas de modo a abrir caminhos, desenvolver habilidades, mostrar como o conhecimento pode ser organizado para aprender. Além de criar vínculos estreitos entre tutores e alunos, de modo que o aluno possa reconhecer suas necessidades de estudo e formular objetivos de aprendizagem.

No que se refere ao MDI como instrumento de diálogo, verificamos, a partir das considerações dos professores e tutores entrevistados, que “o diálogo ultrapassa as entrelinhas dos discursos. As palavras têm tarefa especial de tangenciar a compreensão nas relações humanas, ou sugerir-lhes sentidos” (EFFTING, 2010, p.176).

Diante dos resultados expostos, é importante destacar que o professor-autor deve levar em conta o perfil do leitor que estudará a sua disciplina, para que se possa estabelecer uma comunicação satisfatória por meio do MDI. A todo instante esse leitor deve ser orientado a comportar-se de forma ativa, crítica e autônoma em relação às informações e à construção de novos sentidos.

O estudo desenvolvido aqui aponta para o fato de que o uso do MDI tende a ter um resultado ainda melhor quando acompanhado de outros recursos multimídias e do trabalho atento do tutor. Usado dentro deste contexto, o MDI atingirá seu objetivo maior que é fazer com que o aluno do curso na modalidade a distância aprenda a aprender, ou, como aponta Comel (2001), “aprenda a pensar”. Isso está muito além de simplesmente passar o conteúdo aos alunos e entregar-lhes um diploma, está indo ao encontro dos pressupostos básicos de uma educação de qualidade, seja ela presencial ou a distância.

Considerações finais

Este estudo teceu alguns pontos importantes acerca do MDI, um dos principais veículos de comunicação entre o professor e o aluno na EaD, e buscou verificar se o mesmo atende às necessidades e às importâncias a ele atribuídas na EaD. Também foi feita, em alguns pontos, uma breve comparação com a aprendizagem e o diálogo que ocorrem na sala de aula de curso regular presencial. Essas comparações são relevantes, uma vez que é questionada, com frequência, a qualidade da aprendizagem na EaD, se o diploma entregue ao aluno ao final do curso tem ou não o mesmo valor do diploma do curso regular presencial.

Os resultados do estudo de caso apresentado aqui apontam para uma necessidade de uma reflexão constante sobre a qualidade do MDI no

contexto da educação a distância. O professor-autor do material didático precisa ter clareza sobre a realidade do cenário da educação em nosso país, que é diversificado e pobre. Não se pode esquecer que os alunos inseridos na EaD procuram por uma oportunidade que muitos não tiveram antes, a de uma formação superior. É por isso que o ensino na modalidade a distância deve ser de qualidade, assim como também deve ser o ensino no curso presencial.

O bom MDI terá como ponto de partida o aluno, que depois de muito estudá-lo terá aprendido a aprender de forma autônoma, sem a presença constante do professor. O bom MDI também pode ser caracterizado como a mola propulsora de uma EaD de qualidade. EaD essa que deve chegar a todos, mesmo diante de uma realidade tão heterogênea como a do nosso país. O importante é que ela nunca se manifeste como um fator de exclusão, nem mesmo tenha propósitos mercantilistas, ou, pior ainda, que venha à tona para justificar propósitos políticos.

Referências

ARETIO, L. G. **La Educación a Distancia y la Uned**. Madri, UNED: 1996.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 1995.

COMEL, N.E.D. O Material Impresso em Questão. **Olhar do professor**. Ponta Grossa, 4(1): p. 171-181, 2001.

EFFTING, M. A. Material Didático Impresso em EaD: Ferramenta que se estabelece. In: X COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE GESTIÓN UNIVERSITÁRIA EN AMÉRICA DEL SUR. Mar Del Plata, 2010. Disponível em http://www.inpeau.ufsc.br/wp/wp-content/BD_documentos/coloquio10/153.pdf. Acessado em 10/09/2012.

FARACO, C.A. Pesquisa Aplicada em Linguagem: alguns desafios para o novo milênio. **DELTA**, v.17. Especial, p. 1-9, 2001.

GERALDI, J.W. Sobre a questão do sujeito. In: PAULA, L. de; STAFUZZA, G. (orgs). **Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável**. São Paulo: Mercado de Letras, p.279-292, 2010.

GRIVOT, J.R. **Elaboração do Material Didático Impresso para EaD: Orientações aos Autores**. Monografia de especialização. Universidade de Brasília, 2009.

HACK, J. R. **Introdução à Educação a Distância**. Florianópolis: UFSC, 2011.

HALTÉ, J. O espaço didático e a transposição. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, p.117-139, 2008.

JOLY, M. **Introdução a Análise da imagem**. Campinas: São Paulo: Papyrus, 1994.

LAASER, W. **Manual de Criação e Elaboração de Materiais para Educação a Distância**. Brasília: CEAD; Universidade de Brasília, 1997.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

SALES, M.V.S. Uma Reflexão sobre a Produção do Material Didático para EaD. Universidade do Estado da Bahia, 2005. Disponível em <http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/044tcf5.pdf>. Acessado em 08/07/2012.

Recebido em: 17/04/2013

Aprovado em: 02/08/2013